

ces de idéias – tudo isso *quase teve direito de entrada negado na Grã-Bretanha*; ao passo que outras técnicas (estruturas de contos de fada, finais felizes, moralismo sentimental, a dominante cômica) gozam, como resultado, de uma espécie de protecionismo, sobrevivendo dessa maneira até o final do século. Os adultos britânicos lêem *David Copperfield*. Bem feito para eles¹⁴.

4. Um mercado unido e desigual

O *DNB*. Romances estrangeiros. E, então, decidi observar a presença de séries baratas de reimpressão. A figura 77 segue a primeira e mais popular destas coleções: os 24 títulos iniciais da Bentley's Standard Novels, publicados entre 1831 e 1833. Como se pode ver, o gráfico se divide em dois amplos *plateaux*: as bibliotecas grandes têm quase todos os romances da Bentley's; as pequenas, muito poucos. Quando examinei mais de perto essas últimas, o cenário era, a essa altura, familiar. O tamanho pequeno tinha produzido novamente a hiperanonização: os romances de Cooper e Austen, que formavam 33 por cento da amostra da Bentley's, subiram aqui para 75 por cento. Os romances europeus, por sua vez, tinham desaparecido novamente. Daí, notei algo mais: três das cinco menores bibliotecas haviam comprado apenas os romances históricos da Bentley's; uma quarta, apenas os romances sentimentais. Haviam investido em um gênero – e desistido do resto: nenhum gótico, nenhum romance jacobino, nenhum *Frankenstein*, nenhum conto regional...

Em outras palavras: uma biblioteca pequena não escolhe menos itens do espectro morfológico *inteiro*; ao contrário, reduz *a extensão*

¹⁴ O horizonte internacional parece ser ainda mais estreito no caso da classe trabalhadora. Em 1875, a biblioteca da Alliance Cabinet Makers' Association tinha um texto francês (de Gustave Aimard) entre sessenta obras de ficção (Stan Shipley, "The Library of the Alliance Cabinet Makers' Association", *History Workshop*, primavera de 1976); trinta anos mais tarde, quando a *Review of Reviews* pediu ao primeiro grupo grande de membros trabalhistas do Parlamento que mencionassem os autores que mais os haviam influenciado, Mazzini é o único nome estrangeiro a aparecer na lista (ver Jonathan Rose, "How Historians Study Reader Response: or, What did Jo Think of *Bleak House*?", in John O. Jordan e Robert L. Patten (orgs.), *Literature in the Marketplace*. Cambridge University Press, 1995, p. 203-4).